

EMANUMAN DEFROG

MULTIVERSO 16X126

«O real nunca mais terá oportunidade de se reproduzir (...) Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido.» Baudrillard (1981)

Estas palavras escritas por **Baudrillard** deveriam estar devidamente impressas num grande cartaz, à entrada de qualquer parque temático.

«Parques temáticos são híbridos contemporâneos que, como a maioria dos fenómenos pós-modernos, cruzam fronteiras que normalmente separam os então distintos reinos da cultura, da economia, da filosofia, da sociologia e da política.» Soja (1996)

Ao escolher também **Soja** para falar de **Defrog**, é porque tenho a convicção de que vivemos num imenso parque temático, composto de infinitos outros parques temáticos, que por sua vez se vão desmultiplicando em mais do que infinitos outros parques temáticos, como num jogo de espelhos de uma sala de provas de roupa.

Assim, estrutura **Defrog** o seu dispositivo. Por um lado o edifício, por outro a narrativa, alojada nesse edifício.

Artista Multiverso, vestindo e despindo conscientemente a farsa sobre si próprio, numa interpretação lúcida do papel do artista contemporâneo, **Defrog** apresenta-se numa primeira Exposição individual, construindo um imenso parque temático, alicerçado numa permanente reflexão sobre a utilização dos vários modelos artísticos, suas funções e alibis. Poderei dizer que **Defrog**, ao inventar-se, põe à prova todo o pudor maneirista reinante, sujeitando sem reservas a sua simulação da arte a uma lógica sem lógica (no preciso momento em que se define), traçando um roteiro inteligentemente dadaísta, gerador e destruidor da (in)consciência da sua própria possibilidade. Deste modo, toda a acção artística de **Defrog** baseia-se numa simulação, num simulacro, o que nas palavras de **Baudrillard**, é o aprisionar (o reinventar) da verdade pela imagem. E se toda a acção humana é simulacro e conseqüentemente toda a

acção artística é simulacro de acção artística, as obras de **Defrog** tornam-se definitivamente num imenso breviário da (in)compreensão do mundo.

João Ribeiro,

Vila Nova Caparica, 17 de Setembro de 2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jean Baudrillard, (1981), Simulacros e simulação, Lisboa: Relógio d'Água

Edward Soja, (1996) Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar,